

SOB O CENÁRIO MORAL DO MUNDO: A MORALIDADE SIMPÁTICA DE ADAM SMITH

*Thaís Alves Costa*¹

Pós-doutoranda UFPEL / UNOCHAPECO

*Evandro Barbosa*²

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo examina a teoria moral de Adam Smith, enfatizando que nossos julgamentos morais são baseados no modo como percebemos as ações dos outros por meio do sentimento de simpatia. A teoria smithiana propõe um processo em que julgamos os outros e, em seguida, aplicamos esses padrões a nós mesmos para verificar sua validade. O artigo explora como a simpatia cognitiva – e não meramente psicológica – serve como a ferramenta adequada para a avaliação moral, destacando o papel do espectador imparcial e do reconhecimento mútuo na formação do comportamento moral.

Palavras-chave: Simpatia, julgamento moral, agência, espectador imparcial.

Abstract: This article examines Adam Smith's moral theory, emphasizing that our moral judgments are based on how we perceive the actions of others through the feeling of sympathy. Smith's theory proposes a process in which we judge others and then apply these standards to ourselves to verify their validity. The article explores how cognitive sympathy – not merely psychological sympathy – serves as the key tool for moral evaluation, highlighting the role of the impartial spectator and mutual recognition in shaping moral behavior.

Keywords: Sympathy, moral judgments, agency, impartial spectator.

Introdução

O ponto de partida da teoria moral de Smith é que os objetos primários das nossas percepções morais são as ações de outros indivíduos. Elas são avaliadas através da lente da simpatia, em seu nível psicológico ou cognitivo. Este processo de justificação moral, como argumentaremos em seguida, pode ser dividido em dois momentos distintos. Primeiro, consideramos o modo como julgamos a conduta dos outros por meio de nossa

¹ Esta pesquisa contou com a colaboração da FAPESC.

² Esta pesquisa contou com a colaboração do CNPQ.

capacidade de projetar, de maneira imparcial e imaginativa, determinada ação. Depois, utilizamos o resultado desse julgamento sobre nós mesmos, e obtemos um padrão de ação moral correta ou incorreta. Para tornar esse processo claro, explicaremos a concepção de Adam Smith sobre o julgamento moral e demonstraremos como tal concepção promove um padrão de comportamento para guiar nossas ações. Para isso, assumimos que fazer julgamentos morais corretos tem valor educacional: agentes que fazem julgamentos corretos podem vir a desenvolver comportamento virtuoso.

Com essas preocupações em mente, este artigo descreve a construção da teoria dos sentimentos morais de Smith a partir de uma análise do sentimento de simpatia. Para isso, começamos com uma análise da diferença entre as noções de simpatia e de empatia, ressaltando o motivo pelo qual Smith fala de simpatia e não de empatia. Em seguida, com base na leitura da *Teoria dos Sentimentos Morais (TMS)*, identificamos as diferentes maneiras de sentir a simpatia em Smith, analisando como o filósofo descreve a natureza humana e o processo de julgamento moral. Por fim, descrevemos como a simpatia se tornou o principal meio epistêmico de “conhecer outras mentes” e, em que medida, ela contribui para a formação moral do agente.

1. *Einführung, in passion* ou *compassion*: a noção de simpatia em Adam Smith.

Atualmente, os termos empatia e simpatia são amplamente utilizados tanto na cultura popular quanto na acadêmia. Essa popularização abriu espaço para interpretações diversas, sugerindo, por exemplo, que empatia significa o “compartilhamento de sentimentos”, enquanto simpatia significa a “preocupação com os outros” (cf. FLEISCHACKER, 2019, p. 03). Esses termos também têm sido frequentemente usados como sinônimos. Como pesquisadores de diferentes disciplinas têm focado suas investigações em aspectos específicos dos fenômenos relacionados à simpatia, não deve surpreender a confusão conceitual e a multiplicidade de definições associadas a esta noção que surgiram ao longo do tempo em diferentes áreas do discurso científico (NODDINGS, 2010; SAGAR, 2017; SLOTE, 2016). No entanto, essa interpretação de empatia e simpatia não reflete de forma acurada como os significados dessas palavras evoluíram.

Essa questão envolvendo a polissemia dos termos pode levar a uma análise descuidada do sentimentalismo moral de Smith e acabar por confundir sua noção de simpatia com o que popularmente tratamos como empatia.

Embora alguns filósofos não estejam tão preocupados com isso (BALEY, 2016; BUTLER, 2007; SHERMAN, 1998; WISPÉ, 1986), é um problema tratá-los como equivalentes, pois se desconsideram suas origens etimológicas e os diferentes processos psicológicos envolvidos em cada sentimento. Enquanto a simpatia se relaciona com uma consciência profunda sobre a outra pessoa, a empatia refere-se à compreensão da experiência subjetiva do outro.

Vinda da língua alemã, a concepção de simpatia smithiana está relacionada à noção de *Einfühlung*, que significa *sentir em*, um procedimento psicológico de se colocar no lugar do outro. Não se trata de compartilhar o sentimento que a pessoa está sentindo, mas de se colocar imaginativamente na sua situação. Por outro lado, a palavra *empathy* [*empatia*], introduzida no inglês em 1909 pelo psicólogo Titchener, vem da junção dos termos gregos *en* (“junto” ou “com”) e *pathos* (“experiência” ou “sofrimento”). Com isso, a composição dos termos *en* e *pathos* resultam no termo inglês *in passion* ou *sentir com*. Em outras palavras, com a expressão empatia trata-se de um tipo de sentimento de compaixão (*compassion*) ou uma forte resposta compassiva (TITCHENER, 1909, p. 21). Basicamente, a pessoa está em um estado de *pathos* como experiência ou sofrimento. Como refletido nessas diferentes raízes etimológicas, a simpatia gira em torno do processo mental de *sentir em*, enquanto a empatia se refere a um estado de *sentir com* ou compartilhar um sentimento.

Pesquisas recentes realizadas por Remy Debes expuseram a origem da polêmica envolvendo esses dois termos. De acordo com o estudo, a forma dúbia e confusa como Titchener apresentou sua ideia de empatia foi o ponto de partida para os mal-entendidos posteriores (DEBES, 2015, p. 186). Embora Titchener tenha buscado a origem etimológica da empatia na língua grega, ele confirma que sua inspiração foi a noção germânica de *Einfühlung*, ainda que o procedimento mental que ele descrevesse fosse compatível com a expressão latina do sentimento de compaixão, que por sua vez, é similarmente traduzido como “sentir com” (BALEY, 2016, p. 256). Em latim, compaixão é a junção de *cum*, que significa “com” ou “ao mesmo tempo”, e *patior*, que significa “sofrer” ou “tolerar alguma situação difícil que causa sofrimento” (HAVE, 2021). Logo, a descrição de Titchener da empatia assemelhava-se ao sofrer junto com alguém, o que a aproxima da definição de compaixão e a afasta da definição do termo simpatia. Debes conclui defendendo que essa confusão na proposta de Titchener não foi uma tentativa de unificar os dois conceitos, mas apenas a sua falta de conhecimento conceitual e linguístico (2015, p. 292).

Alguns filósofos também criticam a associação entre empatia (como compaixão) e simpatia. Eles consideram que essa associação imputa um

sentido negativo à simpatia. Nussbaum afirma que a palavra passa a significar algo doloroso “ocasionado pela conscientização da desgraça imerecida de outra pessoa” (2003, p. 301). Assim como ela, Paul Bloom argumenta que, ao se substituir simpatia por empatia, negligencia-se que o sentimento de compaixão “pode existir independentemente da simpatia e é uma preferência emocional sobre ela” (2013, p. 33). Estas preferências emocionais se ligariam à ideia de que a compaixão é uma emoção compartilhada, independentemente de você se colocar ou não no lugar da pessoa.

Tais críticas ilustram a complexidade do tema e o quão problemático é confundir simpatia e empatia. Não entraremos nessa controvérsia. Nosso objetivo é demonstrar como compreende a simpatia na teoria de Smith, visto que a empatia está longe de expressar a disposição mental de se colocar no lugar dos outros³, disposição que é a base do seu sentimentalismo moral. A simpatia, por outro lado, não é a mera emoção de compartilhar a compaixão do outro e muito menos pode ser reduzida a um sentimento positivo ou negativo⁴. Para Smith, trata-se de um mecanismo psicológico presente na natureza humana.

Para Smith, emoção, paixão e sentimento são diferentes. Emoção é o que é sentido como uma reação imediata e passiva (TMS III.iii.3, 164) – amor e ódio são exemplos de emoções. Por outro lado, paixão é um sentimento ativo (TMS I.i.5.2, 24), cujos exemplos podem incluir gratidão e ressentimento. Por sua vez, sentimento exige um processo mental mais elaborado, ou seja, requer não apenas “sentir”, mas “pensar” sobre. Logo, seu procedimento exige reflexão e envolve, necessariamente, percepção, impressões, ideias, pensamentos, imagens, lógica e razão (KLEIN; MATSON; DORAN, 2018, p. 1153; MULLAN, 1988, p. 15).

Rothschild destaca que os sentimentos são algo sobre o qual “se tem consciência e sobre o qual se reflete. Eles também são eventos que conectam o indivíduo às relações mais relevantes nas quais a pessoa está inserida (a sociedade, a família ou o Estado)” (2001, p. 9). A afirmação de Rothschild é consistente com outro elemento da simpatia smithiana: sua influência estoica. Os estoicos mantinham uma visão na qual a simpatia tinha um tipo de

³ “Se colocar no lugar dos outros” (in their shoes) significa que você está experimentando as coisas como eles, ou vendo as coisas a partir de sua perspectiva. Em inglês a expressão completa é “walk a mile in their shoes”.

⁴ Há um equívoco comum sobre a associação da simpatia smithiana com a benevolência ou solidariedade. Essa confusão enfraquece o poder desse princípio, transformando-o em mero subjetivismo. No entanto, como afirmado, quando consideramos cuidadosamente o sistema teórico holístico do pensamento de Adam Smith, percebemos que isso só ocorreu devido à má interpretação da simpatia como empatia. Sobre isso, cf. TMS, III.4.7.

significado cósmico com nuances sociais⁵. Para eles, nenhum ser pode viver sozinho, pois somos parte de um todo que inclui todos os objetos e as entidades do universo imersos em *sympátbeia tón bólón*. (cf. CÍCERO, 1962, p. 570) Consequentemente, todas as coisas fazem parte de um único organismo em uma interdependência mútua. (TERJESEN, 2005, p. 3) É essa perspectiva estoica que define o tom da simpatia em Smith e que terá implicações na fundamentação moral de sua teoria, isto é, como parte da natureza humana e princípio que conecta o ser humano ao mundo social.

2. Colocando-se no lugar do outro: moralidade simpática.

De acordo com Smith, a moralidade que subjaz às ações humanas tem seu esteio no sentimento de simpatia. (TMS I.i.1.6, 9). Esse sentimento é essencial para os laços que se formam entre as pessoas, pois é assim que elas incorporam “significados de moralidade” em suas experiências nas relações em sociedade. (RAPHAEL, 1985, p. 29). A importância da simpatia é uma reivindicação fundamental sobre o que é mais valioso nas relações humanas (MONTES, 1966, p. 20), tanto que as primeiras palavras de Smith em *TMS* são sobre isso:

Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios de sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte dos outros, e considerar a felicidade deles necessárias para si mesmo, embora nada extraia disso senão o prazer de assistir a ela (...). É fato óbvio demais para precisar ser comprovado, que frequentemente ficamos tristes com a tristeza alheia, pois esse sentimento, como todas as outras paixões originais da natureza humana, de modo algum se limita aos virtuosos e humanitários, embora esses talvez a sintam com uma sensibilidade mais delicada. O maior rufião, o mais empedernido infrator das leis da sociedade não é totalmente desprovido desse sentimento (TMS I.i.1.1, 9).

Smith crê que usamos a simpatia como um mecanismo que nos coloca no lugar dos outros. Ela não é intrinsecamente boa ou ruim, mas um meio para realizarmos nossos julgamentos morais com neutralidade. Também é importante destacar que a simpatia, para Smith, não é necessariamente um motivo para a ação, cabendo a ela um papel demonstrativo de “explicar a origem e a natureza da própria moralidade” (RAPHAEL, 2007, p. 31;

⁵ Cabe ressaltar que a ideia de conexão orgânica na perspectiva estoica não possui um significado religioso. (Cf. ANCHOR, 1967)

GRISWOLD, 1999; PAGANELLI, 2009). Nesse sentido, na condição de um mecanismo que permite preocupar-nos com os interesses dos outros, ela é a fonte a partir da qual os indivíduos desenvolvem sua capacidade de agir moralmente.

Para explicar o que significa considerar a simpatia como o sentido primário de nossa moralidade, podemos dividi-la em duas esferas: (i) *simpatia direta*, que consiste na experiência imediata, e (ii) *simpatia indireta*, que opera como uma disposição psicológica. Ambas desempenham papéis muito diferentes dentro da teoria moral smithiana. Enquanto a simpatia direta é uma emoção humana oriunda de um sentimento imediato (TMS I.ii.1.2, 28), a simpatia indireta resulta de um processo mental reflexivo e mais elaborado que envolve percepções, impressões, ideias, pensamentos, imagens, lógica e razão. O processo cognitivo desse segundo tipo de simpatia serve como condição para o procedimento de julgamento moral de Adam Smith, conferindo-lhe o *status* de um sentimento moral. (GRISWOLD, 2006, p. 195).

Enquanto reação imediata a um estímulo dado, a simpatia direta (i) é automática e comum à vida cotidiana. Por exemplo, quando alguém é recebido com um grande sorriso pelo atendente do café da universidade, ele ou ela sem pensar se sente compelido a responder com um sorriso. Com isso, é possível confiar imediatamente em outra pessoa por meio de gestos simples, como um olhar honesto ou um aperto de mão firme. Isso ocorre porque sentimentos como “tristeza e alegria, expressos fortemente no olhar e nos gestos de qualquer um, afetam imediatamente o espectador com algum grau de uma emoção dolorosa ou agradável.” (TMS I.ii.5.1, 21). Por isso percebemos esse movimento como automático, posto que, como afirma Montes, uma face feliz nos faz felizes e uma triste nos angustia sem sequer racionalizarmos nossas ações. (1966, p. 20). Esse tipo de simpatia acontece rotineiramente sem que escolhamos (ou até mesmo notemos que está ocorrendo). Por exemplo,

(...) Quando vemos que um golpe está prestes a ser desferido sobre a perna ou braço de outra pessoa, naturalmente encolhemos e retiramos nossa própria perna ou braço; e, quando o golpe finalmente é desferido, de algum modo o sentimos e somos por ele tão atingidos quanto com quem de fato o sofreu. Ao admirar um bailarino na corda bamba, as pessoas da multidão naturalmente contorcem, meneiam e balançam seus corpos como o vêem fazer, e como sentem que teriam de fazer se estivessem na mesma situação (TMS I.ii.1.5, 29)

Neste caso, a simpatia parece surgir apenas ao perceber determinada emoção em outra pessoa, o que sugere a transferência dessa emoção de uma

pessoa a outra, antes mesmo de saber o que a provocou na pessoa envolvida⁶. Normalmente, essa capacidade de simpatia direta permite que nos coloquemos no lugar do outro de maneira quase instantânea, sendo naturalmente sentida quando lidamos com pessoas com as quais temos afinidades e são afetivamente mais próximas. Essa simpatia é denominada direta, pois não depende de nenhum outro mecanismo para ser sentida.

Por exemplo, devido à proximidade com meu marido, a simpatia direta me permite sentir algo que ele está vivenciando, mesmo que eu nunca tenha passado por isso. Aqui, proximidade significa “ter algum tipo de relacionamento com laços mais profundos” – tal como ocorre entre familiares e amigos – e não “estar fisicamente próximo”. Em geral, se não temos relação de proximidade com uma pessoa, só podemos sentir simpatia direta se tivermos passado pela mesma experiência que ela. Pensemos no seguinte: uma vítima de estupro – ao ler a história de alguém que passou pela mesma situação-limite – poderá simpatizar com esta pessoa simplesmente por ler esta história, mesmo que não a conheça. Este tipo de conexão ou “simpatia habitual” surge de uma reação espontânea e ocorre imediatamente. (TMS III.iii.22, 25)

Por outro lado, a simpatia também pode ser sentida em sua forma indireta (ii). A teoria da simpatia indireta de Smith baseia-se no uso da imaginação como um dispositivo para entender melhor a condição de outra pessoa, mesmo que ela não seja do círculo estreito de relações. Quando vejo alguém triste, posso não me colocar automaticamente em sua condição, a menos que compreenda o que essa pessoa está vivenciando. Imagine a situação vivida por Carla, uma mulher balzaquiana que odeia crianças e nunca se imaginou sendo mãe. Durante uma viagem de ônibus, uma mulher visivelmente abatida e triste se senta ao lado dela. Ao saber que esta mulher está triste porque acabou de perder seu único filho, Carla se sente conectada à dor dessa mãe, embora ela nunca tenha imaginado ter filhos. Carla consegue simpatizar com a mulher por meio de seus próprios sentimentos, formados por ideias de se colocar no lugar do outro e sobre o que ela sentiria na mesma situação.

Smith reconhece que os seres humanos são diferentes e, portanto, nunca podem saber ou sentir exatamente a mesma dor que outra pessoa sente⁷. Através do dispositivo da imaginação, o que podemos fazer é nos

⁶ De acordo com Smith, a simpatia “does not arise so much from the view of the passion, as from that of the situation which excites it.” (TMS I.i.1.12)

⁷ Posso lamentar a dor de outra pessoa, mas essa dor pertence a ela. (Cf. TMS I.i.1.2, 9). Nossa imaginação baseia-se nos sentimentos formados por nossas ideias sobre o que acontece em

colocar nas mais variadas situações e assumir os mais diversos papéis, pois a “nossa imaginação imita a impressão de nossos próprios sentidos.” (TMS I.i.1.2, 9). A imaginação desempenha um papel importante na sua teoria, já que nos permite “entrar nos corpos dos outros”, captar seus sentimentos para nós mesmos, buscando entender o que estão sentindo. Por meio desse processo mental, diz Smith, “um homem pode simpatizar com uma mulher em trabalho de parto; embora seja impossível que ele se conceba sofrendo suas dores em sua própria pessoa e caráter.” (TMS VII.iii.1.4, 317).

Retomando o exemplo acima, consideramos que, embora Carla nunca tenha tido um bebê, pode já ter sentido a perda de um ente querido ou, ao menos, imaginado como se sentiria se sua mãe morresse. O que importa é compreendermos que a imaginação baseia-se nas experiências anteriores, pois é apenas a partir delas que formamos uma ideia sobre o que acontece com alguém em determinada circunstância⁸ (TMS III.iii.3). No entanto, Smith percebe que usar apenas a imaginação como condição para a simpatia indireta pode ser insuficiente para sua teoria moral, já que “esperamos menos simpatia de um conhecido comum do que de um amigo (...) e ainda menos simpatia de uma assembleia de estranhos” (TMS I.i.4.10, 23). Amamos, naturalmente, nossos filhos mais do que nossos sobrinhos, da mesma forma que amamos nossos sobrinhos mais do que nossos vizinhos; por sua vez, nossos vizinhos recebem mais atenção nossa do que conhecidos, e assim por diante (TMS I.i.5.4, 24).

Smith reconhece que essa é uma limitação da imaginação. Para contornar o problema, ele recorre à noção de espectador imparcial. Ao abordar nossas falhas gerais de julgamento, Smith argumenta que “quando ela [a natureza] implantou as sementes dessa irregularidade no peito humano, parece ter pretendido a felicidade e a perfeição da espécie em todas as outras ocasiões.” (TMS II.iii.3.2, 105). Isso denota o caráter parcial da simpatia, por isso essa noção de espectador imparcial surge como a capacidade das pessoas de lidarem com sua perspectiva tendenciosa⁹. Dessa forma, Smith convida-nos

determinada situação: “we conceive ourselves enduring all the same torments, we enter as it were into his body, and become in some measure the same person with him, and thence form some idea of his sensations, and even feel something which, though weaker in degree, is not altogether unlike them.” (TMS I.i.1.2, 9).

⁸ Essa experiência do sentimento do outro é o reflexo resultante da faculdade “from which the mind derived the perception of such species of things as presupposed the antecedent perception of some other.” (TMS P. III.iii, 164).

⁹ Para Sayre-McCord, “strikingly, however, when one turns to the Theory of Moral Sentiments, the Impartial Spectator that emerges neither endorses, nor approves in a pattern that conforms to, the principle of utility. In fact, Smith goes out of his way to reject the idea that utility either explains or sets the standard for our moral judgments.” (2010, p. 02). De acordo com ele, a noção de espectador imparcial

a adotar o ponto de vista do espectador imparcial para lidar com a questão de nossa própria parcialidade.

O dispositivo do espectador imparcial é empregado para nos ajudar a estabelecer referências para nossa própria conduta. Como o próprio nome sugere, ele projeta-nos, de maneira imparcial, para o lugar daqueles que serão afetados por nossas ações. Nesse processo, os participantes são classificados como pacientes (quem recebe a ação) ou agentes (quem age). Quando consideramos uma ação, imaginamos a situação da outra pessoa, levando em conta quais seriam os sentimentos de um espectador imparcial – *i. e.*, um juiz ideal que inspira a todos, mas que, na realidade, não se identifica com ninguém. O espectador imparcial serve como árbitro final. (TMS P. III.ii, 159) Podemos usar nossas habilidades cognitivas para fazer um julgamento mais imparcial, não a partir de uma perspectiva totalmente externa, mas da perspectiva do agente que realiza a ação ou do paciente que a recebe. (DARWALL, 1999, p. 142) Nesse sentido, simpatizar ou não com alguém implica reconhecer se simpatizamos ou não com a conduta da pessoa. Se o espectador tivesse a mesma atitude naquelas circunstâncias, então ele compartilharia os sentimentos daquele indivíduo, simpatizando com ele. Por outro lado, o oposto se manifesta se o agente que observa a situação tem um sentimento avesso a ela, ou seja, não simpatiza com a atitude realizada. (RAPHAEL, 2007, p. 3; p. 14)

No exemplo de Carla, embora ela não tenha simpatizado com a mãe enlutada de início, ou seja, não houve simpatia direta, mesmo assim podemos imaginar que ela utilizou o seguinte procedimento mental para sentir simpatia por aquela mãe:

1. Colocou-se na situação da mãe que perdeu um filho.
2. Experimentou um sentimento (pelo dispositivo da imaginação, ela se colocou no lugar da mãe e pensou em como se sentiria na mesma situação).
3. Colocou-se na posição de um espectador imparcial e comparou seu sentimento com o sentimento da mãe.
4. Após devida consideração, Carla simpatizou (endossou) com o sentimento daquela mãe, mesmo que nunca tenha vivenciado essa situação.

em Smith é limitada. Objeções similares a de Sayre-McCord podem ser vistas em: Firth, *Ethical Absolutism and the Ideal Observer* (1952); Brandt, *Ethical Theory* (1959); Hanfling, *Five Kinds of Distance* (2000); Fudge, *Imagination and Science-Based Appreciation of Unscenic Nature* (2001); Carlson, *Nature, and Landscape* (2009); McGinn, *The Subjective View* (1983).

Se fôssemos traduzir esse diálogo interno, Carla vê aquela mãe e pensa: “Eu me pergunto como é ser ela. Sei que, quando perdi entes queridos, fiquei muito triste, então acho que ela provavelmente está muito triste.” Carla, então, considera que essa mãe “deve mesmo estar triste, e com razão; afinal, qualquer um ficaria triste nessa situação!” Nesse processo, Carla reconhece o que a mãe sente (tristeza ou luto) e, depois, ao decidir que é justificável senti-lo, consegue entender esse sentimento. Essa é a simpatia indireta. Imagine, por outro lado, se a pessoa no ônibus fosse um homem que chutou um filhote de cachorro e agora está com raiva porque ele o mordeu. Carla pode imaginar como ele se sente (raiva), mesmo que nunca tenha chutado um filhote de cachorro – ela já foi arranhada por seu gato, e sabe que dói. Mas ela não simpatiza com ele, pois a reação do homem não é a mesma que um espectador imparcial sentiria. A posição do espectador é sentir vergonha e culpa por ter chutado o filhote, e não raiva por ser mordido. (BALEY, 2016, p. 104) A explicação de Smith afirma que a simpatia indireta faz com que o espectador (Carla, neste caso) olhe, até certo ponto, com os olhos da mãe, de modo que a simpatia de Carla a leva a ver a mãe a partir de uma “paixão refletida”¹⁰(TMS I.i.4, 8).

Por meio daquilo que Griswold chama de uma conexão orgânica entre mim e o outro (2006, p. 196), Smith assume o sentimento de simpatia em sua teoria moral como uma combinação de emoção e reflexão sobre o lugar do outro (TMS I.iii.5.4, 37). Mais do que sentir o que o outro sente, trata-se de ser capaz de sentir o que sentiríamos se fôssemos ele, reconhecendo-o como igual a nós ao mesmo tempo em que nos conhecemos. Nesse sentido, há uma “separação ao experimentar a semelhança”, ou seja, você não é o outro, mas pode entender o prazer ou a dor dele. (TMS I.iii.5.4, 37) E, por meio desse tipo

¹⁰ O próprio Smith reconhece que a paixão refletida “is much weaker then the original one [passion], [but] it necessarily abates the violence of what he [who observe] felt before he came into their presence, before he began to recollect in what manner they would be affected by it, and to view his situation in this candid and impartial light.” (TMS I.i.4.8) Naturalmente, um espectador imparcial com mais conhecimento não subestima a intensidade da dor de um agente. No entanto, esse espectador ainda favorece a moderação nas reações do agente, porque uma reação que o espectador (apropriadamente) pretende não fazer envolve o agente adotar posturas de contenção. O espectador já teria adquirido o hábito de restringir reações para obter a simpatia de pessoas que subestimam a intensidade da dor nos outros. Nesse sentido, espectadores “reais” imparciais favorecem ações corretas porque elas são corretas. Os atos são corretos porque seriam favorecidos por espectadores imparciais, que, portanto, devem favorecer essas ações por razões além de serem ações corretas. Seria perverso supor que o que um espectador imparcial favoreceria nesses atos é simplesmente o fato de que um espectador imparcial favoreceria os atos. (PRINZ, 2007).

de “transposição de corpos”, nossa capacidade cognitiva nos permite assumir, de forma imparcial e imaginada, o lugar de outra pessoa¹¹.

Em suma, Smith preza por colocar todos em uma posição de “igualdade humana” (FLEISCHACKER, 2004, p. 73), na qual a simpatia indireta revela-se como uma forma de compartilhar sentimentos. Mais do que isso, ela é a conexão entre pessoas que não ocupam um lugar de proximidade como em uma relação entre pai e filho, ou entre amigos. Essa habilidade de nos colocar no lugar do outro, resultado da simpatia indireta, será o requisito para um julgamento avaliativo e será, também, a pedra angular de sua teoria moral. Trata-se de nossa capacidade de reconhecer o outro como ~~um~~ igual, aprender com as suas experiências e descobrir que “somos apenas um entre a multidão, em nada melhores que qualquer outro nela.” (TMS III.iii.5.4, 89). Estes elementos ditam o tom da teoria moral de Smith.

Na próxima seção, analisaremos como nosso julgamento moral culmina em uma espécie de ferramenta prática que os indivíduos podem usar para avaliar a si e aos outros. Mais especificamente, argumentaremos que reconhecer o outro como igual molda as relações interpessoais e é a chave para compreender a dimensão relacional humana.

3. Movendo-se no palco moral do mundo: a relação teatral entre o eu e o outro.

Como explicamos na seção anterior, a simpatia é a disposição para nos colocar no lugar do outro, compartilhando os mesmos sentimentos em uma espécie de conexão orgânica. Isso vale também quando falamos de julgamento moral. Em Smith, é possível distinguir dois tipos de simpatia: simpatia emocional (equivalente à simpatia direta) e simpatia cognitiva (equivalente à simpatia indireta). A simpatia emocional é uma reação imediata a um estímulo. Ela envolve o compartilhamento de estados afetivos com pessoas próximas, principalmente aquelas com as quais temos uma conexão pré-existente – por exemplo, amigos e familiares. Tendemos a simpatizar

¹¹ Para reforçar esse ponto: “It is miserable, we think, to be deprived of the light of the sun; to be shut out from life and conversation; to be laid in the cold grave, a prey to corruption and the reptiles of the earth; to be no more thought of in this world, but to be obliterated, in a little time, from the affections, and almost from the memory, of their dearest friends and relations. (...) The idea of that dreary and endless melancholy, which the fancy naturally ascribes to their condition, arises altogether from our joining to the change which has been produced upon them, our own consciousness of that change, from our putting ourselves in their situation, and from our lodging, if I may be allowed to say so, our own living souls in their inanimated bodies, and thence conceiving what would be our emotions in this case.” (TMS II.iii.1.5).

instantaneamente com estas pessoas. Nesses casos, a simpatia emocional surge como uma paixão que ocorre a partir de julgamentos instintivos, sem exigir um processo de racionalização para senti-la. (GRISWOLD, 1999, p. 94) Já a simpatia indireta, por sua vez, envolve a perspectiva mental de levar em conta os pensamentos e crenças dos outros. Enquanto os sentimentos de simpatia direta são constituídos pela mera observação e não podem ser a base para julgamentos morais adequados, a simpatia indireta requer um procedimento psicológico específico e é uma condição importante para as ações morais na teoria de Smith (MONTES, 1966, p. 20; GRISWOLD, 2006; RASMUSSEN, 2006).

Na vida cotidiana, julgamos o tempo todo. Julgamos como os outros se vestem, seus gostos e comportamentos, sempre baseados em nossas percepções e na familiaridade com os envolvidos. Esse ponto de vista parcial faz-nos simpatizar mais com aqueles que são próximos de nós do que com os que são distantes. Mas o que torna um julgamento moralmente relevante? Se quisermos ampliar o escopo de nossos julgamentos de certo e errado e falar em termos morais, precisamos buscar um procedimento adequado para o julgamento moral – um que exija um nível profundo de justificação. Na visão de Smith, o julgamento moral adequado caracteriza-se pelo sentimento de adequação ou inadequação da ação analisada, que ele definiu como propriedade (*propriety*). Para ele, essa propriedade é uma paixão despertada ao final de todo julgamento moral e, quando provocada “por objetos particularmente relacionados a nós mesmos, o ponto que o espectador pode concordar” (TMS VI.iii,14). Essa é a propriedade dos sentimentos.

O problema é que julgamos a propriedade ou impropriedade dos sentimentos dos outros de acordo com o quanto simpatizamos com eles e se são adequados às circunstâncias. Esse processo, se não for devidamente regulado, pode nos levar a um erro: “a simpatia mais exata dos sentimentos só nos diz que nossos sentimentos são semelhantes aos de outra pessoa, – o que pode ser, tanto quando são viciosos quanto quando são virtuosos, ou mesmo nem virtuosos, nem viciosos.” (MIZUTA, 2000, p. 138). Para que os julgamentos sejam considerados moralmente adequados, o processo deve ser realizado usando a capacidade da imaginação, atrelada ao dispositivo de imparcialidade. Após esse processo, a ação é julgada com aprovação ou desaprovação pelo espectador, sendo a propriedade o resultado desse processo.

Esse procedimento moral vem acompanhado, na teoria de Smith, por um esclarecimento sobre a distinção entre agente e paciente e suas respectivas atuações na *relação teatral entre ator e espectador*.

Smith esclarece os personagens dessa peça quando afirma:

Eu, o examinador e juiz, represento um personagem diferente daquele outro eu, a pessoa cuja conduta é examinada e julgada. O primeiro é o espectador, cujos sentimentos a respeito de minha própria conduta procuro apreender, colocando-me em sua situação e considerando como ela me pareceria, vista daquele ponto de vista particular. O segundo é o agente, a pessoa a quem propriamente me chamo, cuja conduta, sob o caráter de espectador, procurava formar alguma opinião. O primeiro é o juiz; o segundo é a pessoa quem julgo (TMS I.i.1,4).

Alguns estudiosos afirmam que “o vocabulário do teatro” é o “ídioma básico” da *TMS*. (Cf. BARISH, 1985; MARSHALL, 1986; STEWART, 1982; GRISWOLD, 1999) De acordo com Griswold, “Smith tinha um grande interesse pelo teatro durante grande parte de sua carreira como escritor” (1999, p. 77), o que pode explicar por que ele descreve os agentes morais como personagens em sua trama moral. Logo, tratar o julgamento moral smithiano como uma representação de “um mundo estruturado e governado por relações teatrais” nos permite compreender melhor as posições de cada personagem envolvido nesse processo moral.

Desde o início, Smith parece comparar a vida humana aos espetáculos teatrais. Em sua peça, o comportamento humano é observado através dos personagens do agente e do paciente. Em uma representação reflexiva, Smith convida o leitor a assumir o papel de cada personagem: o agente, o paciente, a plateia e o crítico. Ele destaca que o mais importante, para os espectadores que buscam fazer um julgamento moral adequado, é entender a resposta do ator à situação. Ele também usa os termos “ator” e “agente” de maneira semelhante, assim como usa “espectador” e “paciente” como equivalentes. Há uma razão para essa intercambialidade. Smith modifica a terminologia segundo as diferentes posições que os personagens assumem ao longo de sua peça moral. O termo “agente”, muitas vezes, refere-se ao agente moral (personagem individual); enquanto o termo “ator” descreve o agente no contexto prático (na sociabilidade), no papel de agente social (TMS I.i.1.4, 113). Cada termo captura a circunstância dos diferentes personagens e evoca a capacidade do leitor de experimentar um modelo das atitudes e emoções do espectador (NUSSBAUM, 2007, p. 10). Nesse momento, o paciente, que apenas observa a situação, também se torna um espectador capaz de fazer julgamentos.

A experiência do espectador forma a base de sua compreensão da experiência do ator. Quando o espectador/paciente observa uma ação, ele pode não sentir os mesmos sentimentos que o ator/agente, embora possa se

imaginar naquela situação. O ator desse jogo moral é tanto capaz de atuar quanto de julgar o outro e a si. A figura smithiana do “espectador” – que observa e avalia os outros enquanto é, ao mesmo tempo, observado e avaliado – é eminentemente teatral. Observado pelos outros, ele é um ator; observando os outros, ele é a plateia e o crítico. Como aponta Griswold, Smith sugere que a ideia do crítico teatral é o modelo apropriado para o julgamento moral na sociedade. (1999, p. 77).

Uma vez elucidada a distinção entre agente e paciente, bem como suas respectivas atuações no mundo do julgamento moral teatral smithiano, passamos a explicar como esses dispositivos são necessários para que as pessoas façam julgamentos morais devidamente regulados. Segundo Smith, para que um julgamento seja propriamente moral, devemos nos engajar em um processo de duas etapas: primeira, a aproximação aos agentes envolvidos (com base em nossas experiências); segunda, o distanciamento de nossos preceitos morais e afetos. Essas etapas de aproximação e distanciamento envolvem os dispositivos de imaginação e imparcialidade. Em resumo, o sentimento de simpatia, a imaginação e o espectador imparcial são os dispositivos pelos quais o indivíduo começa a formar alguma ideia de propriedade ou impropriedade sobre uma ação.

Voltemos ao exemplo de Carla. A história de Carla e a mãe enlutada no ônibus representa o estágio inicial da simpatia cognitiva: a conexão com os outros pela prática da imaginação. Segundo Smith, não podemos nos imaginar em qualquer situação, agradável ou não, sem sentir um efeito semelhante ao que ela produziria em nós mesmos (TMS III.iii.21, 145). O processo psicológico de se conectar com pessoas com as quais não nos conectaríamos de início só é possível através da “mudança imaginária de situações da qual ela surge” (TMS III.iii.21, 144). Assim, os sentimentos reais da pessoa diretamente envolvida (neste exemplo, a mãe) tornam-se os sentimentos do espectador (Carla) por meio de uma troca imaginativa de lugares. A situação implica uma mudança psicológica na pessoa, já que Carla pode simpatizar com a mãe enlutada mesmo que ela nunca tenha passado por aquela situação específica. Passar por esse processo de simpatizar com a mãe move Carla de sua posição original (pensando como Carla) para o lugar da mãe (pensando como se fosse, de fato, a mãe enlutada). Essa mudança de posição só é possível devido ao processo psicológico da simpatia. Esse primeiro estágio é que permite que ela se vincule àquela mãe enlutada.

Observe que Carla pode facilmente se aproximar daquela mãe e julgar seus sentimentos. No entanto, como temos dito, essa aproximação é limitada. A mudança de perspectiva revela que o dispositivo da imaginação, por si só,

não nos torna imparciais em nossos julgamentos morais. Conexões paralelas podem ocorrer entre pessoas que compartilham o mesmo conjunto de valores morais e crenças. Nossa imaginação baseia-se em nossas experiências, nas emoções que sentimos juntos à nossa comunidade moral. Podemos até entender outras motivações para a ação, mas o julgamento moral ainda assim é parcial. Embora a imaginação nos permita conectarmos com os outros, ela sofre do problema da parcialidade (TMS III.iii, 105). Para remediar essa insuficiência, Smith recorreu à noção de imparcialidade como o segundo estágio de seu procedimento de julgamento moral.

Vamos imaginar outra situação. Carla encontra uma mãe enlutada. Ela é uma indígena Yanomami. Ela conta que perdeu o seu bebê no nascimento e explica que em sua tribo há uma tradição de que se uma mulher ao parir perceber que seu bebê tem uma deficiência física, ela deve matá-lo. Carla, que não é Yanomami, talvez sinta que o ato de matar um recém-nascido por ter uma deficiência é repugnante e, assim, julgará essa mãe de forma diferente. Ela provavelmente terá mais dificuldade em simpatizar com essa mãe enlutada do que com a mãe anterior. No entanto, considere a perspectiva da mãe Yanomami:

Essa estranha prática é o reflexo da identidade do grupo e apesar de nos causar espanto é carregada de sofrimento, na qual a mulher yanomami, quando sente que é chegada a hora do parto, vai sozinha para local ermo na floresta, fica de cócoras, e a criança cai no chão. Nessa hora, ela decide se a pega ao colo ou se a deixa ali. Se coloca nos braços, dá-se nesse momento, o nascimento. Se abandona, não houve, na concepção do grupo, infanticídio, pela singela razão de que a vida não se iniciou. Observa-se que o início da vida, na perspectiva da comunidade indígena yanomami é totalmente diferente da nossa ocidental (DUPRAT, 2019, p. 07).

Conhecendo as perspectivas culturais e a motivação interna da mãe indígena para tal ato, Carla provavelmente não desaprovária, pelo menos não tão rapidamente ou com tanta veemência, o ato dessa mãe. Inclusive, talvez aqueles que condenam a mulher Yanomami sem conhecer suas motivações mudem sua posição agora, após saber desse fato. Ou muitos não a diferenciariam de qualquer outra mulher que tenha feito um aborto ou tenha perdido um filho antes do nascimento. Essa é uma extensão da nossa capacidade imaginativa e a simpatia “pode agora (...) ser usada para denotar nosso sentimento de compaixão com qualquer paixão” (TMS I.i.1.5, 23). Por um lado, a imaginação conecta-nos com a situação observada, entendendo-a

desde o nosso ponto de vista. Por outro lado, o distanciamento de nossa visão inicial permite-nos compreender melhor todas as circunstâncias envolvidas. Smith afirma que “nunca podemos observar nossos próprios sentimentos e motivos, nunca podemos formar qualquer julgamento sobre eles, a menos que nos removamos, por assim dizer, de nossa posição natural e tentemos vê-los como se estivéssemos à certa distância de nós mesmos.” (TMS III.i.3, 110) Quando colocamos um objeto muito perto dos olhos, ele parece distorcido. De forma semelhante, quando analisamos nossa própria conduta sem nos distanciarmos, também obtemos uma perspectiva distorcida de nós mesmos sob a ótica da parcialidade.

De acordo com Smith, ao julgarmos determinadas situações, “devemos vê-las, nem do nosso próprio lugar, nem do dele, nem com nossos próprios olhos, nem com os dele, mas do lugar e com os olhos de uma terceira pessoa, que não tem conexão particular com nenhum dos dois, e que julga com imparcialidade entre nós.” (TMS III.iii.3.3, 135). Esse distanciamento é condição para o julgamento moral adequado. Para satisfazê-la, precisamos de um dispositivo que promova a imparcialidade de forma adequada. (SAYRE-MCCORD, 2013, 2003 e 2010). Como dito, a maneira smithiana de fazê-lo consiste em inspecionar ações e condutas não com base em nossas crenças e experiências, mas como um espectador imparcial as julgaria. Projetamo-nos imaginativamente na vida do outro e, ao fazê-lo de maneira imparcial, assumimos todo o seu repertório de pensamentos, emoções e ações (Cf. BRAHAN, 2006). Um comportamento ou reação é, então, julgado como moral ou imoral considerando a visão imparcial do espectador sobre o processo decisório do agente.

Por meio dessa troca imaginária de lugares, os espectadores concebem “emoções semelhantes àquelas que [os agentes] sentem”, e o agente, “colocando-se constantemente (...) [concebem] algum grau dessa frieza em relação a sua própria fortuna” (TMS I.i.1,11). A posição que adotamos equilibra parcialidade e imparcialidade, incluindo os sentimentos, o repertório cognitivo e a habilidade imaginativa do observador. Ao recorrer à imparcialidade, o espectador analisa as ações dos outros e as suas próprias.

Ao internalizar a figura do espectador imparcial, conseguimos trabalhar o caráter do observador e do objeto observado. (BALEY, 2016, p. 105). Para isso, Smith recorre à noção do espectador imparcial como incorporando “razão, princípio e consciência” (TMS III.iii.5.4, 137). Para ele, há uma instância desse espectador imparcial em contínua construção dentro de cada pessoa, o que torna a todos capazes de “discernir as consequências remotas de todos os nossos atos e prever o benefício ou o mal que

provavelmente resultará deles.” (TMS IV.ii, 6). Cada um de nós pode assumir o papel de crítico no “teatro moral de nossas relações” e proceder para considerar adequadamente a qualidade moral das ações.

Agora, temos os elementos conceituais necessários para entender como Smith correlaciona a aprovação ou a desaprovação – com as quais julgamos tanto nossa conduta quanto a de outras pessoas – com a necessidade de aproximação (imaginação) e distanciamento (imparcialidade) ao observar uma ação. Essa mudança de perspectiva permite-nos observar adequadamente a ação. O espectador realiza, primeiro, o julgamento de uma ação ao imaginar-se no lugar do agente. Depois, ele compara o sentimento que motiva a ação do outro com o sentimento que ele próprio teria se fosse o agente. (SAYRE-MCCORD, 2013; RAPHAEL, 2007; DARWALL, 1999). Se o espectador tivesse a mesma atitude que o sujeito em julgamento na situação imaginada, ele compartilharia os sentimentos do sujeito e, portanto, aprovaria a ação. O oposto se manifesta se o agente que observa a situação tiver um sentimento avesso a ela e a desaprovar.

A dimensão de aprovação ou desaprovação de um ato implica o reconhecimento de que simpatizamos ou não com a conduta idêntica da pessoa por meio do “nosso senso natural de propriedade.” (TMS II.i.5.10, 77). Smith chamou de propriedade comportamental (ou propriedade da ação) a capacidade dada pela natureza que permite ao agente alcançar uma disposição adequada de caráter, permitindo a qualquer espectador simpatizar ou não com ele. A propriedade é, portanto, o sentimento resultante da aprovação ou desaprovação. Esse tipo de “apropriação” do sentimento do outro é o novo sentimento experimentado por Carla diante da mãe Yanomami. Smith argumenta que o espectador, ao aprovar a emoção do agente, sente uma emoção atrelada a uma sensação prazerosa que significa aprovação. A desaprovação, por sua vez, gera um sentimento de aversão e inadequação. Esse sentimento derivado da aprovação ou desaprovação de uma ação é o ponto de apropriação. Nas palavras do próprio Smith:

Aprovar as opiniões de outro homem é adotar essas opiniões, e adotá-las é aprová-las. Se os mesmos argumentos que o convencem me convencem da mesma forma, necessariamente aprovo sua convicção; e se não o fizerem, necessariamente a desaprovo: nem posso conceber que eu deva fazer uma sem a outra. Aprovar ou desaprovar, portanto, as opiniões dos outros é reconhecido, por todos, como significando nada mais do que observar sua concordância ou discordância com a nossa. (...) Este é igualmente o caso com relação à nossa

aprovação ou desaprovação dos sentimentos ou paixões dos outros (TMS I.i.3, 17).

Enfatizamos, em particular, que Smith considera a simpatia como uma maneira de alcançar o reconhecimento do outro como um igual. Isso é crucial para a plausibilidade de sua abordagem sobre como o “eu” de cada indivíduo, “dialogando com própria consciência para ser capaz de julgar”, autoriza-nos a julgar a nós mesmos moralmente (TMS II.iii.1.4, 164). Nesse caso, essa simpatia imparcial não é apenas a justificação da decisão moral de todos, mas uma espécie de consciência interior presente em cada indivíduo, ou seja, ela atua como um guia para examinar nossa própria conduta.

Esse processo produz o que Griswold chama de “grau de interconexão entre os indivíduos” (1999, p. 196), posto que a devida reflexão – ao adotar o ponto de vista do espectador imparcial – sobre o comportamento dos outros sustenta o núcleo da moralidade humana na teoria de Smith. Há uma interconexão e um ajuste mútuo. A consciência do agente sobre os sentimentos do espectador e a sua tentativa de ajustar suas paixões à medida que o espectador pode segui-las é um ato de reciprocidade em ação, o qual decorre da dimensão interrelacional da moralidade.

Cada faculdade em um homem é a medida pela qual ele julga a faculdade semelhante em outro. Eu julgo sua visão pela minha visão, seu ouvido pelo meu ouvido, sua razão pela minha razão, seu ressentimento pelo meu ressentimento, seu amor pelo meu amor. Eu não tenho, nem posso ter, nenhuma outra maneira de julgá-los. (TMS VII.iii.3.11)

Para que os julgamentos morais sejam considerados justos, seu processo deve ter sido realizado usando nossa capacidade de imaginação atrelada à imparcialidade. Assim, a simpatia cognitiva na teoria smithiana é responsável por nos permiti nos colocar no lugar da outra pessoa e, com isso, dizer se o comportamento dessa pessoa foi adequado ou não, tendo como parâmetro nossos próprios sentimentos. Ao julgar o comportamento do outro, tendo como diretriz o sentimento de simpatia, descubro que também posso julgar antecipadamente se meu comportamento é moralmente aceitável ou não. Nesse sentido, aprovar ou reprovar revelam se a ação merece mérito ou não – em termos de adequação ou inadequação. Mais uma vez, na visão de Smith, o julgamento moral adequado implica uma propriedade de julgamento que será o sentimento de aprovação ou desaprovação da ação analisada.

Essa segunda preocupação moral smithiana diz respeito ao modo como aplicamos os resultados desse processo de julgamento a nós mesmos, fornecendo um padrão para a ação correta e a errada. Aqui, a simpatia faz parte do julgamento moral porque precisamos simpatizar para aprovar ou desaprovar uma ação. Sem esse sentimento de *fellow-feeling* não seríamos capazes de chegar a um julgamento moral adequado. Dito de outra forma, para avaliarmos moralmente os outros, precisamos necessariamente nos identificar com eles, e esse reconhecimento é um pré-requisito para o julgamento moral. Esse requisito oferece o padrão idealizado de moralidade a partir do qual podemos julgar nossas ações, sendo o fator mais importante a “nossa capacidade de nos envolver no processo [que Smith] identifica com a simpatia.” (SAYRE MCCORD, 2013, p. 5).

Isso nos leva à segunda dimensão dos julgamentos morais: as noções de certo e errado fornecerão os padrões adequados de comportamento. A capacidade de fazer julgamentos morais apropriados ajuda o indivíduo a se tornar um agente moral que aprende o padrão moral adequado a partir da conexão com o outro. Para isso, ele não precisa experimentar uma determinada situação para saber se é certa ou errada, basta observar e aprender com a experiência de outro. O julgamento moral influencia os padrões individuais de aprovação, estabelecendo um padrão para as ações. Ao observar os comportamentos dos outros e suas reações a determinados tipos de ações e sentimentos, as pessoas assimilam certo padrão de julgamento que lhes permite tornar-se agentes morais capazes de aplicar tais padrões morais adquiridos.

No entanto, devemos notar que podemos sentir simpatia pelos outros sem nos sentirmos motivados a agir conforme o que acreditamos ser uma boa ação. O padrão de comportamento alcançado ao final de nosso julgamento moral ajuda-nos a pesar nossos atos. Não obstante, esse padrão não implica que, necessariamente, agiremos seguindo nosso senso de certo ou errado. Não podemos colocar simpatia e motivos para a ação no mesmo patamar. Embora o julgamento moral que fazemos sobre os atos dos outros possa contribuir para minha moralidade, esse senso de dever não implica motivação. (Cf. RAPHAEL, 1985, p. 29). Isso pode sugerir que a motivação moral apropriada baseia-se no desejo do agente de obter a simpatia dos espectadores e, conseqüentemente, ter sua reação aprovada. No entanto, uma leitura mais cuidadosa dos escritos de Smith revela que o desejo de aprovação não é suficiente para motivar o agente. Por exemplo, o fato de eu querer que as pessoas aprovem minha atitude de doar todo o meu dinheiro aos pobres não é suficiente para me motivar a agir com tal altruísmo. Em contraste, posso pensar em agir dessa forma, não por aprovar tais ações, mas por desejar ser, de

fato, uma pessoa digna de admiração. A emulação - aqui é fundada em nossa admiração pela excelência dos outros, o que nos faz querer ser admirados pela mesma integridade. Não se trata de ser admirado de qualquer maneira, mas de ser admirado por aquilo que consideramos digno de admiração, ou seja, o que consideramos admirável nos outros. Esse desejo de excelência moral nasce de nossa sincera admiração por algumas pessoas. Logo, o propósito mais significativo de uma pessoa não é agir para obter a aprovação de todos, mas tornar-se um objeto justo e apropriado de aprovação para eles. Em tais casos, a satisfação do agente com sua conduta depende muito mais da consciência de merecer essa aprovação do que simplesmente de apreciá-la.

Aqui, justificamos uma noção de imperativo moral para esse agente, que chamamos de simpático, com base na imagem do “patriota que dá sua vida pela segurança ou quando, pela glória desta sociedade, parece agir com a mais exata propriedade” (TMS III.iii.3,3). A conduta dessa pessoa excita não apenas toda a nossa aprovação, mas “nosso maior espanto e admiração, e parece merecer todos os aplausos” (MONTES, 1966, p. 45). O sistema moral smithiano, estruturado de forma mais consistente na *Teoria dos Sentimentos Morais*, baseia-se na simpatia mútua e na avaliação moral pessoal para determinar um comportamento moral adequado. O sujeito smithiano parece estar constantemente enfrentando um jogo de espelhos em que observa o outro e a si mesmo em um exercício de simpatia das relações interpessoais. Do ponto de vista moral, Smith busca uma teoria capaz de explicar as relações sociais de confiança, autodeterminação e reconhecimento do outro a partir de uma teoria sentimentalista que, por meio de um espectador imparcial, fornecerá o julgamento moral apropriado. Concordando com Sayre-McCord: “sem simpatia, não teríamos uma comunidade moralmente decente.” (2013, p. 02).

Recapitulando, a simpatia cognitiva de Smith desenvolve-se em duas etapas. Na primeira, ela estimula nossa preocupação com a situação dos outros e em seguida, leva-nos a agir de maneiras que acreditamos ser moralmente relevantes. Ao mesmo tempo, a noção do espectador imparcial expande nosso círculo moral, trazendo críticas às nossas ações e às ações dos outros, a simpatia indireta nos permite reconhecer o outro como igual. O movimento recíproco entre agente e espectador permite-nos identificar a noção de reconhecimento mútuo na teoria de Smith. Por fim, a simpatia guia nosso comportamento moral, dada nossa capacidade de aprovar (ou desaprovar) ações, motivos e caracteres (e, assim, criar um padrão de ação correta e errada).

Voltando à metáfora do teatro, a filosofia de Smith exhibe uma peça em que o comportamento humano é observado sob a encenação do agente e do paciente, ao mesmo tempo que o crítico teatral a observa:

[a pessoa] que admira o mesmo poema ou a mesma imagem, e os admira exatamente como eu, deve certamente permitir a justiça da minha admiração. (...) Pelo contrário, a pessoa que, nessas diferentes ocasiões, não sente nenhuma emoção como a que eu sinto, ou não sente nenhuma que tenha qualquer proporção com a minha, não pode evitar desaprovar meus sentimentos, por conta de sua dissonância com os seus próprios (...) Devo incorrer em um grau maior ou menor de desaprovação: e, em todas as ocasiões, seus próprios sentimentos são os padrões e medidas pelos quais ele julga os meus. (TMS II.iii.1.4, 322)

Isso ilustra como, no grande teatro da comunidade moral, é possível entender como cada personagem atua nesse processo e ver a interpretação adequada dos papéis essenciais do agente, do paciente, do público e do crítico. Para se movimentar pela comunidade moral, o espectador muda de posição o tempo todo. Por sua vez, a imparcialidade do crítico também depende da capacidade de refinar seus pensamentos por meio de uma reflexão cuidadosa. Concordando com Griswold (1999), o crítico teatral é o equivalente apropriado para realizar o julgamento moral smithiano na sociedade. Na vida prática, o crítico do espetáculo torna-se um ator crítico que entende as consequências de seu comportamento. O sentimento de ser espectador ajuda a nos comportarmos no teatro e no mundo em geral.

Conclusão

Este artigo descreveu os elementos e mecanismos da teoria moral de Smith. Definiu os tipos de simpatia presentes em sua teoria e, em seguida, mostrou como os dispositivos da imaginação e do espectador imparcial permitem o julgamento moral. O espectador imparcial é uma posição idealizada que os indivíduos assumem para elaborar um julgamento moral imaginando a experiência do outro. Ao observar os comportamentos e as reações de outros seres humanos a certas ações e sentimentos, as pessoas assimilam padrões de julgamento. Ao longo da *Teoria dos Sentimentos Morais*, Smith se coloca como um observador que apresenta a dimensão prescritiva de sua teoria moral. Segundo ele, o exercício de capturar os sentimentos dos

outros possibilita tanto a apreensão de padrões morais, quanto sua aplicação. Esse processo ocorre com base no procedimento racionalizado de desenvolver um julgamento moral simpático, o qual deixa de ser uma emoção para tornar-se um procedimento psicológico racional. O julgamento moral, por sua vez, implica a propriedade de julgamento, isto é, de ser um sentimento de adequação ou inadequação da ação analisada. Para que os julgamentos morais sejam considerados justos, seu processo deve ser realizado adotando nossa capacidade simpática, atrelada à imparcialidade. Após esse processo, o agente sabe qual é a ação correta. Nesse tipo de espelho social, o julgamento é o que me permite conhecer o certo e o errado e, assim, conduzir minhas ações por meio dessa análise moral das atitudes dos outros. Isso reforça a tese de que a simpatia, no pensamento de Smith, é a chave para o desenvolvimento da moralidade dos indivíduos, pois esse sentimento permite-nos adquirir um padrão de comportamento através dos olhos do outro. Esse foi o propósito deste artigo: apresentar como Adam Smith constrói sua teoria moral a partir da descrição da natureza humana e da formação moral do agente.

Referências

- BALEY, O. "Empathy, concern, and understanding in The Theory of Moral Sentiments". In: *The Adam Smith Review*. Fonna Forman (ed) Oxon: Routledge, 2016.
- BARISH, J. *The Anti-Theatrical Prejudice*. Berkeley: University of California Press, 1985.
- BLOOM, P. *Just Babies: The Origins of Good and Evil*. Crown 33-58, 2013.
- BUTLER, E. *Adam Smith – a primer*. London: Institute of Economic Affairs, 2007.
- CICERO, M. T. *De natura rerum*. Paris: Gallimard, 1962.
- DARWALL, S. "Sympathetic Liberalism: Recent Work on Adam Smith". In: *Philosophy and Public Affairs* 28(2): 139-164, 1999.
- DEBES, R. *Sympathy: a history*. Oxford University Press, 2015.
- FLEISCHACKER, S. *Being Me Being You: Adam Smith and Empathy*. The University of Chicago Press, 2019.
- _____. *On Adam Smith's Wealth of Nations: A Philosophical Companion*, Princeton: Princeton University Press, 2004.
- FORMAN-BARZILAI, F. *Adam Smith and the Circles of Sympathy: Cosmopolitanism and Moral Theory*, Cambridge, 2010.

- GRISWOLD, C. *Adam Smith and the virtues of enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. “On the incompleteness of Adam Smith’s system”. In: *The Adam Smith Review*. Volume 2. Routledge, 2006.
- HAVE, H. “Compassion”. In: *Dictionary of Global Bioethics*. Springer, Cham, 2021.
- MARSHALL, D. *Theater of Sympathy: Shaftesbury, Defoe, Adam Smith, and George Eliot*. New York: Columbia University Press, 1986.
- MIZUTA, H. *Adam Smith’s Library: A Catalogue*. Oxford: Clarendon Press, 2000.
- MONTES, L. *Adam Smith in context: a critical reassessment of some central components of his thought*, 1966.
- MULLAN, J. *Sentiment and Sociability the Language of Feeling in the Eighteenth Century*, 1988.
- NUSSBAUM, M. *Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions*. Cambridge University Press, 2003.
- PAGANELLI, M. P. “The Adam Smith problem in reverse: Self-interest in the wealth of nations and the theory of moral sentiments”. In: *Theory and practice of economic policy. Tradition and change*. Franco Angeli, 2009.
- PRINZ, J. *The Emotional Construction of Morals*. New York: Oxford University Press, 2007.
- RAPHAEL, D. *The Impartial Spectator: Adam Smith’s Moral Philosophy*. Oxford: Clarendon Press, 2007.
- RASMUSSEN, D. *The infidel and the professor: David Hume, Adam Smith, and the friendship that shaped modern thought*. Princeton: University Press, 2006.
- ROTHSCHILD, E. *Economic Sentiments: Adam Smith, Condorcet and the Enlightenment*. Harvard University Press, 2001.
- SAGAR, P. “Beyond sympathy: Smith’s rejection of Hume’s moral theory”. In: *British Journal for the History of Philosophy*, 25(4): 681-705, 2017.
- SAYRE-MCCORD, G. “Hume and Smith on Sympathy, Approbation, and Moral Judgment”. *Social Philosophy and Policy*. 30(1-2): 208-236, 2013.
- _____. “Sentiments and Spectators: Adam Smith’s Theory of Moral Judgments”. In: *The Philosophy of Adam Smith*, pp: 124-144, 2010.
- SHERMAN, N. “Empathy and Imagination”. In: *Midwest Studies in Philosophy*. 22, 1: 82-119, 1998.
- SKWIRE, S. “Adam Smith and the Theater of the Marketplace”. In: *Adam Smith Works*. Disponível em: <https://www.adamsmithworks.org/documents/adam-smith-and-the-theatre-of-the-marketplace>. Acesso em [03.12.2022], 2017.

SMITH, A. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. 2 vols. Edited by R. H. Campbell & A. S. Skinner, Oxford: Oxford University Press, 1976a [1776].

_____. *The Theory of Moral Sentiments*. Edited by D. D. Raphael & A. L. Macfie, Oxford: Oxford University Press, 1976b [1759].

_____. *Lectures on Jurisprudence*. Edited by R. L. Meek, D. D. Raphael & P. G. Stein, Oxford: Oxford University Press, 1980.

STEWART, D. “Account of the life and writings of Adam Smith”. Smith, Adam, *Essays on philosophical subjects*. Ed. W. P. D. Wightman. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.

TERJESEN, A. “The Role of Sympathy and Empathy in Moral Judgment; with Special Reference to David Hume and Adam Smith”. *Doctorate Dissertation*, Duke University, 2005.

TTICHENER, E. *Lectures on the Experimental Psychology of the Thought-processes*. New York: Macmillan, 1909.

WISPÉ, L. “The distinction between sympathy and empathy: To call forth a concept, a word is needed”. *Journal of personality and social psychology*, 50(2), 314, 1986.

Email: costa.thaisalves@gmail.com

Email: ebarbosa@ufpel.edu.br

Recebido: 11/2024

Aprovado: 12/2024